

A noite segue fria para os lados da Zona Leste, nem por isso desanima o público que sacoleja ao som da batida do rap, fazendo acontecer o Projeto Guaianazes Hip Hop, evento que reúne artistas do rap paulistano e alguns expoentes do hip hop nacional. Além do atraso previsto, os problemas se multiplicaram. Choveu muito no final da tarde, o caminhão do som quebrou perto de Itaquera e os mecânicos improvisados levaram uma pá de tempo para consertá-lo. A polícia também deu seu recado: “se algum grupo falar mal da PM, o show será interrompido!” Mesmo com todos os imprevistos, os manos não arredaram o pé e o show seguiu em frente. Além dos rappers, apresentam-se também grupos de break com seus passos e gestos quebradiços e alguns grafiteiros que deixam suas marcas nas paredes improvisadas. Em meio à agitação, um desfilar cabuloso de walkmans, pick ups, samplers, Reeboks, Nikes, acerolas, aliados, B. Boys, B. Girls, e toda a banca de gente com suas grifes e aparelhinhos turbinados. Um MC ali na sua observa pensativo cada movimento e sente que a sua vida está mudando, que está lentamente deixando essa parada, sem saber ainda aonde isso vai dar. A única certeza é que amanhã é dia de trampo, tem de estar inteiro para encarar os desafios e riscos diários nas ruas furiosas dessa cidade maluca.

Na marginal encharcada os carros deslizam com seus faróis refletindo pequenos pontos de luz nas águas do Tietê. Imponente, o Shopping Center Norte parece um gigantesco monstro de concreto em meio à deserta paisagem paulistana. Alguns homens conversam na saída de uma churrascaria, enquanto se abrigam da garoa gelada. Despedem-se e cada um segue seu caminho. Um deles, levemente embriagado, caminha sem pressa até um canto escuro do estacionamento. Pára em frente a um Jeep Grand Cherokee, preto, sem perceber que está sendo seguido por um Santana também preto. Tenta destravar a porta, mas é abordado por dois homens encapuzados e levado à força para o interior do Santana.

Longe dali, ao som cadenciado do rap, um Chevette dourado move-se alucinado pelas ruas da Zona Leste. Esparramados no banco traseiro, três jovens negros curtem o som e travam uma discussão acalorada sobre as raízes e os rumos do movimento hip hop. O do meio, cara de bolacha, é o mais exaltado. Acha que os manos estão se vendendo pra mídia. O mais alto, espremido na janela, touca de lã quase cobrindo os olhos, sorriso aberto, contesta: “hip hop não é só protesto, é arte, cultura...” Os outros dois juntam as mãos feito mosqueteiros urbanos. “Rap é protesto sim! O sistema é podre e é nós na fita!” O carro pára, os três descem e continuam a discussão pelas ruas escuras. Ficam apenas Fê, um negro forte e esguio, corpo de lutador de capoeira, olhos negros resolutos, e Eduardo, mulato de olhos inquietos, até ali calado curtindo o som do CD.

Trecho do livro Cartas Marcadas, de Paulo Araujo